

O TRABALHO PARA MULHERES EMPOBRECIDAS:

exploração das normas de gênero pelo capitalismo

*Giulia Brandão Corrêa**
(LEPESEGE/UFMT, Brasil)

*Rafael de Tilio***
(UFTM, Brasil)

 <https://doi.org/10.29404/rtps-v9i14.923>

Resumo: as identidades de gênero são naturalizadas através de práticas e discursos visando manter as desigualdades. A inserção das mulheres no mercado de trabalho formal ocorreu de maneira diferente segundo suas classes sociais, portanto, suas condicionantes e efeitos são diferentes. O objetivo desse artigo é analisar os efeitos de sentidos sobre trabalho produzidos por mulheres das classes empobrecidas/baixas que exercem trabalhos remunerados. Cinco mulheres cisgênero com renda individual de até dois salários-mínimos foram entrevistadas e os dados foram analisados a partir Análise do Discurso de linha francesa. Os principais resultados destacaram o trabalho como meio de sobrevivência ou como amoroso, prestativo e versátil. Compreende-se que a dominação da ideologia capitalista neoliberal reproduz, através de práticas discursivas normatizadoras de gênero, a manutenção de desigualdades sociais, exploração econômica e dominação política.

Palavras-chave: Mulher e trabalho, Ideologia e poder, Análise do discurso

WORK FOR IMPOVERISHED WOMEN: exploitation of gender norms by capitalism

Abstract: gender identities are naturalized through practices and discourses aimed at maintaining inequalities. The insertion of women in the formal labor market occurred differently according to their social classes, therefore, their conditioning factors and effects are different. The objective of this article is to analyze the effects of meanings about work produced by women in the impoverished/lower classes. Five cisgender

* Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). É membro do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos e Pesquisas em Sexualidades e Gêneros (LEPESEGE) da UFMT. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7910-052X>. E-mail: giuliabcor@gmail.com

** Doutor em Ciências (Área de Psicologia) pela Universidade de São Paulo (USP). Atua como docente no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), onde integra o quadro docente Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP), do qual é Coordenador. É líder do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Sexualidades e Gêneros (LEPESEGE). É Coordenador da Liga de Sexualidade (LiS). É membro do Grupo de Trabalho Psicologia e Estudos de Gênero da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). <https://orcid.org/0000-0002-4240-9707>. E-mail: rafael.tilio@uftm.edu.br

women with an individual income of up to two minimum wages were interviewed and the data were analyzed using French Discourse Analysis. The main results highlighted: work as survival or as loving, helpful and versatile. It is understood that the domination of neoliberal capitalist ideology reproduces, through gender normative discursive practices, the maintenance of social inequalities, economic exploitation, and political domination.

Keywords: Women and Work, Ideology and Power. Discourse Analysis.

EL TRABAJO PARA MUJERES POBRES: exploración de género por el capitalismo

Resumen: Las identidades de género se naturalizan a través de prácticas y discursos dirigidos a mantener las desigualdades. La inserción de las mujeres en el mercado de trabajo formal se produjo de forma diferente según sus clases sociales, por lo que sus condicionantes y efectos son distintos. El objetivo de este artículo es analizar los efectos de los significados sobre el trabajo producidos por las mujeres con trabajo remunerado en las clases empobrecidas/bajas. Se entrevistó a cinco mujeres cisgénero con unos ingresos individuales de hasta dos salarios mínimos y se analizaron los datos mediante el Análisis del Discurso Francés. Los principales resultados destacaron: el trabajo como supervivencia o como amoroso, útil y versátil. Se entiende que la dominación de la ideología capitalista neoliberal reproduce a través de prácticas discursivas normativas de género las desigualdades sociales, la explotación económica y la dominación política.

Palabras clave: Mujer y Trabajo. Ideología y Poder. Análisis del Discurso.

Introdução

Os movimentos feministas modernos são comumente associados à Revolução Francesa, quando as demandas por liberdade e igualdade foram fortemente levantadas. No entanto, os movimentos de reivindicação das mulheres já existiam em outras partes do mundo, como na América Latina e até mesmo desde o momento da transição do sistema feudal para o capitalista (Federici, 2004; Siqueira; Bussinger, 2020). Na modernidade, a chamada "primeira onda" do feminismo, que ocorreu entre o final do século XIX e o início do século XX, teve reivindicações como a inclusão das mulheres no espaço público através do direito ao voto, à educação e ao trabalho formalizado. No Brasil, assim como na Europa, esse período do movimento impactou mais as mulheres de classes favorecidas economicamente, que até então poderiam se dedicar exclusivamente aos cuidados do lar e de seus próprios filhos, sem grandes reflexos para as mulheres das classes desfavorecidas e empobrecidas, que já exerciam mão de obra remunerada para além do espaço doméstico. Posteriormente, as mulheres que viviam do trabalho remunerado deram maior organização aos movimentos feministas brasileiros, buscando a regulamentação do trabalho feminino (Siqueira; Bussinger, 2020 e Teles, 1999).

Atualmente, segundo Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2021) as classes mais empobrecidas do estrato socioeconômico brasileiro (C2 e DE) possuem renda média domiciliar de até R\$1.894,95, pouco menos de dois salários-mínimos. Ainda, o rendimento de mulheres chega a ser 24,4% menor do que rendimento dos homens, mesmo

que a porcentagem de mulheres com ensino superior completo seja maior do que a de homens (24,3% contra 14,6%) (Castro; Stamm, 2017; IBGE, 2018). Em consonância com demandas por igualdade salarial foi sancionada em julho de 2023 uma nova Lei (nº 14.611/23) que prevê a obrigatoriedade de igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre homens e mulheres que realizam trabalhos de igual valor ou mesma função (Brasil, 2023).

A divisão sexual do trabalho estabelece que ocupações e atividades socialmente reconhecidas e valorizadas são "trabalho masculino", enquanto as ocupações consideradas "trabalho feminino" são frequentemente subvalorizadas e pouco reconhecidas, fazendo com que as tarefas domésticas, de cuidado e educação, comumente atribuídas e desempenhadas pelas mulheres sejam realizadas de maneira não formalizada, em condições precárias e/ou com remuneração baixa (Garcia; Marcondes, 2022). Mantendo a construção ideológica que relaciona feminilidade ao trabalho doméstico, quando se considera a inserção das mulheres no mercado de trabalho no geral pode ser observado o seguinte: mulheres com elevados níveis de escolarização inseridas no mercado de trabalho formal delegando atividades domésticas a outras mulheres que, na maioria das vezes, são desvalorizadas e assumem trabalhos informais, com baixa remuneração e sem registro e regulamentação por marcos legais (OIT, 2015).

Está em constante crescimento a participação das mulheres no mercado de trabalho formal, definido como o conjunto daqueles que possuem contrato empregatício de acordo com a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) que reúne normas e regulamentações de direitos individuais e coletivos para o trabalho (Cezar, 2008). No entanto, a taxa de participação das mulheres das classes empobrecidas e com menores níveis de escolaridade ainda é inferior quando comparada à taxa de participação das mulheres com níveis elevados de escolarização no mercado de trabalho formal, demonstrando que a formalização do trabalho das mulheres (que equivale à expectativa de garantia dos direitos no trabalho) é um processo que exige reivindicação constante (Abramo, 2006; Garcia; Marcondes, 2022). Assim, é possível considerar que a inserção das mulheres no mercado de trabalho formal não está necessariamente ligada à libertação do patriarcado e à diminuição das desigualdades sociais (Siqueira; Bussinguer, 2016).

O legado do papel das mulheres nas décadas anteriores ainda se reflete em construções sociais e normas de gênero que dificultam e impõem barreiras para o reconhecimento do trabalho não remunerado, como as atividades domésticas e de cuidados (Feitosa; Albuquerque, 2019). É possível aferir as desigualdades de gênero, raça e classe como eixos estruturantes da desigualdade no Brasil quando também observado o recorte de raça e etnia na comparação do rendimento salarial: mulheres brancas recebem 75,8% da média salarial do homem branco e mulheres negras recebem o equivalente a apenas 44,4%, ficando estas na base de desigualdade de renda no Brasil (IBGE, 2018).

Constituídas histórica e politicamente, as identidades de gênero foram naturalizadas, ou seja, sustentadas por práticas, atitudes e outros meios discursivos visando manter as desigualdades (Butler, 2017). O discurso, mais do que comunicação ou pensamento é também interação, sendo tanto gerador como resultado de um modo de produção social que favorece a permanência e reprodução das desigualdades sociais (Gomes, 2007). Estruturas de dominação são resultados e produtos de um esforço incessante de reprodução real e simbólica através de instituições como a família (em seu modelo

idealizado monogâmico e heterossexual) e o mercado de trabalho e dos próprios sujeitos dominados, uma vez que os discursos dos sujeitos são interpelados por ideologias (Borba, 2014; Bourdieu, 2012; Pêcheux, 2014; Souza, 2019).

Ideologia corresponde, pela conceituação marxista, a um conjunto de representações e práticas que se tornam majoritárias na sociedade, naturalizando determinados valores e constituindo processos de subjetivação. Assim, ideologia também diz respeito a tomar ideias como independentes da realidade histórica e social agindo a partir do processo do capitalismo de separação entre o trabalhador (que vende sua força de trabalho) e a propriedade dos instrumentos de trabalho, tendendo a ocultar o modo real como relações sociais foram produzidas e a origem de formas sociais de dominação política e exploração econômica (Chauí, 2012). No contexto de países como o Brasil onde há altos índices de feminicídio e desigualdades de gênero em diversas esferas, incluindo o mundo do trabalho, a Análise do Discurso desempenha um papel importante ao permitir a compreensão das normas de gênero, trabalho e família que sustentam um sistema desigual e violento. Essas normas sociais frequentemente justificam as posições de desvantagem das mulheres, prejudicando a busca por igualdade material e justiça social entre os indivíduos (Brunelli, 2016; Siqueira; Bussinger, 2016). O objetivo desse estudo é investigar os efeitos de sentidos sobre trabalho produzidos por mulheres que exercem trabalhos remunerados das classes empobrecidas/baixas.

Aspectos metodológicos

Este estudo é de natureza qualitativa, baseado em uma amostra por conveniência a partir das redes de contatos pessoais e profissionais dos pesquisadores. Foram selecionadas participantes que manifestaram interesse e atendiam a dois critérios de inclusão: identificar-se como mulher cisgênero e ter renda individual de até R\$2.424,00. Mulheres cisgênero foram selecionadas intencionalmente para delimitar a discussão no escopo da cisgeneridade; a cisgeneridade corresponde à suposição de linearidade constitutiva e natural entre corpo sexuado (biologia), identidade de gênero e orientação (hetero) sexual, naturalizada por discursos médicos, jurídicos e políticos; assim, mulheres cisgêneras são pessoas designadas mulheres de acordo com características corporais e se identificam com esse efeito de coerência normatizado que estabiliza as categorias homem e mulher a partir da diferença sexual (Fuchs; Hining, Tóneli, 2021). Quanto à renda salarial, os valores adotados seguem as estimativas de renda familiar mensal para os estratos socioeconômicos brasileiros da ABEP que se baseia na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar da ABEP apresentar como estimativa o valor de até R\$1894,95 para as classes da base da estratificação social (classe C2 e DE), adotou-se nesse estudo o parâmetro de até dois salários-mínimos (R\$2.424,00) ampliando a possibilidade de amostra.

Participaram do estudo cinco mulheres com idade entre 25 e 39 anos, sendo que autodeclararam três brancas e uma negra e uma parda. No caso, ser pertencente às classes empobrecidas não demonstrou relação direta com baixo nível de escolaridade, visto que todas as participantes têm pelo menos ensino médio completo e mais da metade possui graduação completa. Foi possível observar também que em sua maioria as participantes apresentaram um número considerável de pessoas que dependem da sua renda (quatro

das cinco participantes tem pelo menos três pessoas dependendo da renda familiar). No Quadro 1, apresentam-se informações adicionais sobre os dados sociodemográficos das participantes, identificadas por nomes fictícios.

Quadro 1. Caracterização sociodemográfica da amostra.

Nome	Profissão	Regime de trabalho	Forma-ção	Renda individual	Renda familiar	Dependentes da renda familiar
Tereza	Secretária e cuidadora	CLT e informal	Ensino médio	R\$2.5000	Não soube informar	Ela, dois adultos e uma criança
Amélia	Cuidadora, do lar, vendedora	Informal	Ensino médio	R\$1.8000	R\$5.000	Ela, um adulto e uma criança
Julia	Supervisora de equipe	Funcionária pública	Graduação (Nutrição)	R\$1.7000	R\$7.000	Ela e dois adultos
Mirtes	Professora de ensino fundamental	CLT	Graduação (História)	R\$2.4000	R\$2.400	Apenas ela
Carolina	Professora de inglês	Horista	Graduação (História)	R\$1.2000	R\$7.000	Ela e dois adultos

Fonte: elaboração própria

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas presencialmente ou online, conforme acordado entre as participantes e a entrevistadora (coautora desta pesquisa). O número de participantes foi estabelecido considerando o máximo possível de coleta em coerência com o tempo disponível para realizar o estudo. Todos os preceitos éticos em pesquisa com seres humanos foram respeitados e essa pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa da universidade de origem dos pesquisadores – CAAE 55373222.6.0000.5154 na Plataforma Brasil. As gravações das entrevistas e suas respectivas transcrições estão sob responsabilidade e arquivadas no [OMITIDO] sob a responsabilidade dos pesquisadores, pelo período de cinco anos.

Os dados coletados foram analisados com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (AD) de Michel Pêcheux. Essa abordagem permite compreender como os discursos (conceituados como efeitos de sentido produzidos pelos sujeitos) e a ideologia se manifestam como operação simbólica constitutivas do sujeito e da história. A ideologia desempenha um papel fundamental na constituição do sujeito e na produção de sentidos que acontece entre interlocutores, isto é, o discurso. É por meio da ideologia, que é o ocultamento da realidade, que os sentidos são construídos de forma a esconder o modo como relações sociais foram produzidas e a origem das formas de

exploração econômica e dominação política. Por esse motivo, estabelecendo uma relação imaginária entre o sujeito e suas condições materiais de existência, os sentidos resultam de projeções que, por sua vez, permitem passar do sujeito empírico para o sujeito do discurso em relação ao contexto sócio-histórico e à memória histórica (Orlandi, 2020; Pêcheux, 2014).

A ideologia influencia a forma como o sujeito interpreta e compreende o mundo ao seu redor, moldando suas percepções, valores e crenças. Para identificar a regularidade da linguagem na produção do discurso é necessário relacioná-la à sua exterioridade, ou seja, considerar que os sujeitos são atravessados por construções políticas e culturais (Gomes, 2015; Orlandi, 2020; Pêcheux, 2014). A Análise do Discurso tem como objetivo compreender as particularidades da produção dos discursos, reconhecendo suas regularidades e modos de reprodução (Fernandes; Vinhas, 2019). Para organizar o percurso de análise, foram adotadas as seguintes etapas, conforme proposto por Gomes (2007):

Passagem da Superfície Linguística para o Objeto Discursivo

O primeiro passo consiste em preparar o material empírico bruto, iniciando pelo processo de transcrição das entrevistas, cujo propósito é desfazer as ilusões de obviedade dos discursos. Essa etapa inicial é denominada constituição do arquivo, conforme descrito por Gomes (2007) e Schneiders (2014). Durante esse processo, as entrevistas são transcritas de forma a registrar fielmente os conteúdos discursivos. Essa transcrição é fundamental para garantir a precisão e a acessibilidade dos dados e assim constituir o *corpus* de análise, composto pela seleção de sequências discursivas (SD), que são os trechos das entrevistas recortados/selecionados pelos analistas dos discursos considerando os objetivos da pesquisa.

A fim de aprimorar a compreensão dos mecanismos de produção dos sentidos nos discursos foram estabelecidas 108 sequências discursivas que demonstraram potencial para responder ao objetivo da pesquisa. Dessas, foram selecionadas 11 sequências discursivas para apresentar neste estudo, as quais contemplaram os recortes mais significativos que permitiram identificar regionalizações e regularidades dos sentidos presentes nos discursos, contribuindo assim para a compreensão da constituição das Formações Discursivas (FD) (Pêcheux, 2014). As Formações Discursivas (FD) é aquilo que a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada (classe social, gênero, raça/etnia etc.) determina o que pode e deve ser dito, visto que as palavras mudam de sentido segundo a posição daqueles que as empregam. É partir disso que a Formação Discursiva permite compreender o processo de produção dos sentidos e sua relação com a ideologia e possibilita estabelecer regularidades no funcionamento do discurso (Orlandi, 2020; Pêcheux, 2014).

Com base no material transcrito, o desenvolvimento da análise das SD foi conduzido mobilizando os seguintes conceitos provenientes do dispositivo teórico (conjunto de conceitos propostos por Michel Pêcheux) da Análise do Discurso: as condições de produção de sentido (que compreende os sujeitos e a situação, isto é, o contexto imediato da enunciação do discurso e o contexto sócio-histórico e ideológico), o interdiscurso/memória discursiva (que identifica o sentido em sua historicidade e sua significância frente aos posicionamentos políticos e ideológicos, pois só é possível dizer o já-dito, que disponibiliza

dizeres que foram significados e pré-construídos em outras situações) e o Esquecimento número 1 (que é da ordem ideológica e resulta do modo pelo qual os sujeitos são afetados pela ideologia).

A utilização desses dispositivos analíticos na primeira etapa (sequências discursivas elegidas e conceitos mobilizados) permite a compreensão dos mecanismos de produção dos sentidos dos/nos discursos que são organizados em Formações Discursivas (FD) (Courtine, 2020; Orlandi, 2020; Pêcheux, 2014). Esse primeiro momento da análise será descrito nos *Resultados* e as sequências discursivas não utilizadas neste estudo foram arquivadas como reserva de material para estudos subsequentes.

Passagem do Objeto Discursivo para o Processo Discursivo

Após estabelecer as Formações Discursivas (FD) na etapa anterior, o próximo passo consiste em investigar a origem comum entre elas – a Formação Ideológica (FI), que será apresentado na *Discussão*. Embora reconheça a presença de diversas ideologias nos discursos (FD) a Análise do Discurso compreende que apenas uma delas se apresenta como pano de fundo e eixo organizador para as diferentes FD: a Formação Ideológica (FI). Isso diz respeito ao processo de estabelecimento da hegemonia de valores na sociedade capitalista por meio da disputa ideológica e por meio dos Aparelhos Ideológicos de Estado (família, escola, igreja, enfim, meios de socialização que funcionam por intermédio da interpelação ideológica que forma subjetividades de maneira inconsciente), pelos quais esses valores são considerados universais (Althusser, 1998; Pêcheux, 2014). Portanto, nesse momento do estudo busca-se compreender a relação entre as FD identificadas e a ideologia subjacente (FI) presente nos discursos analisados.

O foco nessa etapa está em estabelecer as relações entre as FD identificadas e a ideologia dominante que as permeia (Gomes, 2007; Orlandi, 2020; Pêcheux, 2014). A análise busca identificar como a ideologia atua na produção dos sentidos, moldando os discursos dos sujeitos. Essa relação entre ideologia e sujeito se dá visto que não há sentido sem interpretação e que diante de qualquer objeto simbólico o sujeito é levado a interpretar. Se só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos, a própria interpretação atesta a presença da ideologia. Por fim, tendo a ideologia a função de produzir evidências supostamente inquestionáveis, ela interpela o indivíduo em sujeito e faz com que ele não perceba o próprio processo de interpelação ideológica a qual está submetido (Althusser, 1998; Pêcheux, 2014). Ao relacionar as FD com a ideologia é possível compreender de que forma a ideologia se manifesta no discurso e influencia as formas de pensar e agir dos sujeitos.

Resultados

Aqui serão apresentadas as 11 sequências discursivas organizadas em duas Formações Discursivas. A primeira formação discursiva (FD1) trata sobre o trabalho significado como sobrevivência, ilustrada pelas sequências discursivas 1 a 4 provenientes do arquivo/corpus das entrevistas. A segunda formação discursiva (FD2) trata sobre o trabalho exercido por mulheres como amoroso, prestativo e versátil, ilustrado pelas sequências discursivas 5 a 12. As sequências discursivas (SD) consistem em trechos da materialidade discursiva que

permitem a análise e a compreensão das Formações Discursivas (FD), revelando regularidades no funcionamento do discurso e possibilitando a identificação de posições ideológicas (Orlandi, 2020; Pêcheux, 2014; Silva; Araújo, 2017).

A primeira Formação Discursiva (FD1) que constitui essa análise do discurso corresponde à construção de sentido do trabalho como atividade de sobrevivência, composta pelas sequenciais discursivas 1 a 4, sendo que a primeira corresponde a produção discursiva de uma trabalhadora informal e a segunda se refere a informalidade como condição para conciliar trabalho e estudos:

SD1 - Entrevistadora: O que você pode me dizer do que é um homem trabalhador?

Participante: Então trabalhar não é só ter um emprego fixo [...] **Trabalho é o que a gente faz**, é o que a gente luta [...] você ir à luta, **seja qual for o serviço**" (Amélia – *grifo nosso*).

SD2 – Entrevistadora: Como você concebe o significado do trabalho na sua vida?

Participante: Eu ganhava muito pouco e trabalhava muitas, muitas horas. Só que era o que tinha e se eu fosse registrada...é sempre esse ponto, né? Ou você é registrada e você tem 40 horas semanais pra trabalhar em caixa de supermercado ou trabalhar em um posto de gasolina, que são esses trabalhos que a gente consegue sem uma grande formação, né? **Ou você prioriza isso ou você prioriza o estudo** (Mirtes – *grifo nosso*).

A sequência discursiva 1 contém a expressão "o que a gente faz" indicando a amplitude de sentidos sobre o trabalho nessa determinada condição de produção, que é do trabalho informal entre jovens no Brasil. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) aponta que entre os jovens na região da América Latina e do Caribe a cada dez empregos, seis são informais, ou seja, são precários, instáveis, com baixa remuneração e escassos de direitos e proteção social (OIT, 2015).

Ao falar de uma maneira e não de outra, é produzida a ilusão de evidência e transparência no discurso (isto é, há a ilusão de controle do sujeito sobre o que é produzido e que ele corresponderia exatamente ao pensamento e intenções do produtor) quando, na verdade, o discurso é sempre ideológico e carrega consigo as marcas das suas possibilidades de produção (Orlandi, 2020; Pêcheux, 2014). Por exemplo, se ao invés de dizer "ou você prioriza isso [trabalho formal] ou você prioriza o estudo" fosse utilizado "as condições de trabalho formal levam a escolher entre trabalho e estudo" estabelecer-se-ia um efeito de sentidos diferente entre o histórico e o simbólico, onde no primeiro caso é criada a ilusão de escolha pelo sujeito (num esquema "ou... ou") enquanto no segundo caso é reforçada a ideia de que condições sócio-históricas e políticas afetam os sujeitos e suas escolhas (num esquema "entre" um e outra) (Orlandi, 2020).

Sendo a Análise do Discurso um dispositivo de interpretação que procura não o sentido "verdadeiro" que supostamente estaria no dizer do sujeito, mas sim o real do sentido, isto é, aquilo que o sujeito não controla, mas o afeta, como a materialidade histórica, linguística e política. As sequências discursivas 3 e 4 se apresentam como forma de identificar repetições no discurso que dizem respeito a Formação Discursiva 1, sinalizando o trabalho como sobrevivência:

SD3 – Entrevistadora: Qual a sua realidade e qual a expectativa com o trabalho?

Participante: Quero continuar trabalhando, quero estar no mercado de trabalho de alguma forma, né? **E trabalhar pra mim é saúde**. Eu **investi** na minha saúde para continuar tendo **saúde pra continuar pagando as minhas contas** (Tereza – *grifo nosso*)

SD4 – Entrevistadora: Qual a sua trajetória no trabalho?

Participante: Sai recentemente, por questões... é, assim... psicológicas mesmo, **ter esse cuidado**, né? E aí voltei a trabalhar como professora de inglês (Carolina – *grifo nosso*)

Compreendendo a situação e os sujeito, conceituado na AD como condições de produção de sentidos, é possível analisar que havendo baixa remuneração e pouca ou nenhuma possibilidade de acúmulo de recursos financeiro para sobrevivência, a saúde se torna fator primordial para classes empobrecidas continuarem trabalhando e, por similaridade de sentidos apresentados, sobrevivendo. O saber discursivo, chamado de interdiscurso, é o que possibilita todo dizer pois só é passível de sentido o já-dito em outro lugar e em outras condições, tendo sua forma pré-construída e retomada no discurso. Nesse caso, o uso dos termos “investir” e “cuidado” referentes à saúde resgatam sentidos diferentes: o primeiro se relaciona com discursos meritocráticos que relacionam a aplicação de recursos a um suposto retorno positivo (seja na saúde, seja no próprio trabalho) e o segundo que se relaciona com o cuidado como dedicação que possibilita a manutenção da vida (Orlandi, 2020; Pêcheux, 2014). Assim, na sequência discursiva 3 o sentido está relacionado a continuar tendo os recursos necessários para garantir a continuação da possibilidade de trabalhar, por exemplo, enquanto na sequência discursiva 4 são apresentadas escolhas profissionais atravessadas por questões de sobrevivência vital, tendo o fator de autovigilância com a saúde mental para poder continuar trabalhando e sobrevivendo.

Os efeitos de sentidos são a relação de determinado sujeito com a língua e a história, sendo por elas afetado e decorrendo disso a subjetivação. Portanto, o trabalho da ideologia é produzir evidências a partir de uma relação imaginária (suposições de sentidos) entre sujeito e suas condições materiais de existência (Orlandi, 2020; Pêcheux, 2014). Dessa forma, sentidos vão se construindo em processos de significações de afetos e identidades, como apresentados nas sequências discursivas 5 a 12, onde se inicia a FD2, nas quais as participantes se referem à identificação que tem com atividades de cuidado:

SD5 – Entrevistadora: E a que você atribui esse gostar de estar com pessoas e o seu outro trabalho, por exemplo, que é de cuidado?

Participante: Essa questão de **autodoação, eu me doar para esse tipo de cuidado e atenção a pessoa**, eu acho que sempre foi o **meu forte**. O meu forte, mas não o meu forte que eu quisesse trabalhar nisso, porque é uma coisa que vem, **é um cuidado que vem naturalmente** mesmo” (Teresa – *grifo nosso*).

SD6 – Entrevistadora: Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

Participante: O fixo [trabalho formal] é mais complicado você ajudar o próximo, **eu gosto** mais de ficar perto da minha família [...] porque eu sou assim, **eu só trabalho por amor, eu não trabalho por dinheiro** (Amelia – *grifo nosso*).

Ao se utilizar do uso de pronomes pessoais e possessivos (“eu”, “meu”) seguidos de verbos de ação sugere-se a ilusão do controle do discurso por parte do sujeito sobre suas ações e ideias. Para a Análise do Discurso embora os sentidos se realizem nos sujeitos, sua significação só é possível por se inscrever na língua e na história – isto é, de forma anterior e exterior aos sujeitos. No entanto, em decorrência do esquecimento ideológico, que corresponde a instância inconsciente que resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia, o sujeito se fia na ilusão de ser a origem do que diz, se estrutura enquanto sujeito e se identifica com o que diz (Orlandi, 2020; Pêcheux, 2014).

Da mesma maneira, com o termo “naturalmente” (SD5) o sentido do discurso sobre si mesma e sobre a identidade remetem a algo sem interferências externa – uma naturalidade

ou auto evidência, que se apresenta também associada ao terreno das emoções com “eu só trabalho por amor” (SD6). A memória discursiva, isto é, o interdiscurso, disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação: trabalho é associado a amor e a algo natural, articulando o sentido de uma série de práticas afetadas por contextos históricos e políticos a uma experiência vivida individualmente. O trabalho de cuidado, como apresentado nas sequências discursivas 5 e 6 (“cuidado e atenção a outra pessoa”, “ajudar outra pessoa”), se refere a um conjunto de práticas materiais e psicológicas que corresponde as necessidades dos outros e para os outros, que são o tipo de atividade historicamente exercidas por mulheres, como o cuidado com idosos, crianças e doentes (Hirata, 2016).

É nessa ilusão de ser a origem do que se diz que o esquecimento ideológico funciona pela instância do inconsciente e resulta na forma como o sujeito é afetado pela ideologia, no caso reproduzindo no discurso o sentido de mulheres e os trabalhos que elas devem exercer como afetivos e orientados para as relações e necessidades dos outros (Hirata, 2016; Siqueira; Brunelli, 2016). Esses elementos formam a segunda Formação Discursiva (FD2), segundo a qual o trabalho exercido por mulheres é amoroso, prestativo e versátil. A divisão sexual do trabalho se baseia na atribuição de atitudes (expectativas de comportamentos, afetos e representações) para as mulheres como a amorosidade (SD5 e SD 6) e versatilidade (SD9, adiante) pautado em elementos culturais produzidos e reproduzidos em instituições como a família, como demonstrado nas sequências discursiva 7, 8 e 9 que se referem ao que é ser mulher trabalhadora:

SD7 – Entrevistadora: E o que você pode me dizer sobre o que é uma mulher trabalhadora?

Participante: Sai desde quando a gente **tá dentro de casa**, que é quando a gente **ensina nossos filhos** a querer algo na vida (Amelia – *grifo nosso*).

SD8 – Entrevistadora: Qual o significado do trabalho da sua mãe para sua vida?

Participante: Eu acho que dela **eu puxei** um pouco de querer fazer as coisas certas dentro do trabalho (Julia – *grifo nosso*).

SD9 – Entrevistadora: E o que você pode me dizer sobre o que é uma mulher trabalhadora?

Participante: Se for pegar pela realidade, **a mulher executa muito mais tarefas de uma vez do que um homem** (Tereza – *grifo nosso*).

Em função da historicidade, diferentes processos de significação estão em movimento no discurso e o sujeito se subjetiva de diferentes maneiras. Isso ocorreria porque para a Análise do Discurso a historicidade acontece no próprio movimento do discurso. Assim, da mesma forma que é apresentado o trabalho exercido por mulheres como versátil, colocando as mulheres como naturalmente capazes de fazer mais tarefas ao mesmo tempo, conforme o discurso acontece vão sendo construídos elementos que expõem outras condições (Orlandi, 2020; Pêcheux, 2014), como a carga emocional das mulheres em decorrência das diversas tarefas que executam:

SD10 – Entrevistadora: Qual a sua expectativa com o trabalho?

Participante: Porque a gente não consegue manter a **sanidade mental**. Vejo muito isso em geral com as mulheres, professoras mulheres... (Mirtes – *grifo nosso*).

SD11 – Entrevistadora: De maneira geral, que tipo de trabalhos você fez no seu dia a dia?

Participante: Eu acho que é mais por conta da sobrecarga em casa assim, mais do que no trabalho, sabe? Eu acho que o trabalho aqui, no âmbito familiar cansa mais do que o horário comercial (Julia – *grifo nosso*).

O sujeito se constitui na relação com a linguagem que tem como condição própria a incompletude e seu funcionamento com o mundo, entre a história e a experiência, o real e o imaginário (Orlandi, 2020; Pêcheux, 2014). Na sequência discursiva 10, quando se afirmam a condição de sobrecarga e (instabilidade) de “sanidade mental” de mulheres que executam atividades consideradas propriamente femininas, como a educação e o trabalho doméstico, há o estabelecimento de sentidos que denunciam no discurso condições de trabalho que geram adoecimento para mulheres. Não obstante, presenciou-se mudanças e reestruturações nos significados dos discursos, ocorrendo uma quebra na repetição histórica que possibilita ao sujeito historicizar seu dizer e estabelecer novas interpretações por meio de equívocos e falhas, permitindo que o não realizado se distancie do discurso já estabelecido:

SD 12 – Entrevistadora: Qual o significado do trabalho na sua vida?

Participante: Eu tenho uma relação com a trabalho que é uma relação muito de... como eu digo isso?... de valor. Então assim, eu sinto que eu sou valiosa quando eu estou fazendo um trabalho que me faz feliz... [mas] eu estou **numa luta constante** de entender que eu não sou o trabalho que eu faço, sabe? [...] todos esses momentos de luto que eu tive na minha vida eu busquei refúgio no trabalho, por ser esse espaço que eu consigo me dar bem, sabe? Então é o espaço mais controlável, tem um pouco disso, sabe? (???) – *grifo nosso*)

É esse mecanismo que faz com que o sujeito se constitua na relação com a linguagem, produzindo evidências para além daquelas produzidas pela ideologia (Orlandi, 2020). O espaço do trabalho se apresenta como um dos meios nos quais e pelos quais a ideologia dominante se realiza e, pelo seu próprio processo de realização (disputa discursiva com relações de poder), constitui condições contraditórias em um momento histórico dado para uma formação social dada (Pêcheux, 2014). No caso da SD12 acontece, por meio da repetição, a FD2 em que o trabalho exercido por mulheres é relacionado com atributos que supostamente deveriam ser intrínsecos a elas (aspecto de valor), mas no movimento de reformulação do discurso outros sentidos vão se estabelecendo como quando a participante diz sobre a luta constante na busca por outros sentidos, demonstrando a possibilidade de transformação dos modos de produção (Pêcheux, 2014).

Discussão

A partir das sequências discursivas elegidas foram destacadas duas Formações Discursivas: o trabalho como sobrevivência (FD1) e o trabalho exercido por mulheres como amoroso, prestativo e versátil (FD2). Agora, nessa etapa da análise busca-se compreender a relação entre as Formações Discursivas e a ideologia dominante subjacente no discurso, isto é, a Formação Ideológica (FI) que permeia as formas de produção dos sentidos, bem como a organização social como um todo.

Na Formação discursiva 1, associar o trabalho à sobrevivência resgata ideias advindas do próprio modelo capitalista, isto é, converter em capital os meios sociais de vida e de produção. Nesse aspecto, a sobrevivência apresentada no discurso é trazida como possível unicamente através de recursos financeiros: trabalho diz respeito à força de trabalho, isto

é, aquilo que a classe trabalhadora vende ao capitalista¹ em troca de um pagamento/salário (Bottomore, 2001). Portanto, isso essa relação diz respeito sobre a possibilidade de manter condições mínimas de vida, como moradia, alimentação e lazer por meio do capital (uma soma de dinheiro a ser investida de modo a ter retorno – investimento). Ainda, ao estabelecer no discurso uma relação estreita entre trabalho e saúde enquanto investimento, se mobiliza no discurso sentidos associados às ações econômicas neoliberais, se utilizando da crença na vulnerabilidade da vida e reforçando a circulação de afetos fundados no medo e motivadores de ações em direção ao trabalho compulsivo, modelo necessário para a manutenção do modelo capitalista (Safatle, 2021).

As próprias condições de trabalho configuram-no como instituição a partir do qual se instaura determinado modo de sociabilidade e espaço de disputa da ideologia dominante (Chauí, 2012; Pêcheux, 2014). Na Formação Discursiva 2 é visto que as características associadas aos trabalhos desenvolvidos por mulheres (amoroso, prestativo e versátil) são coerentes com o binarismo de gênero (homem ou mulher) que se fundamenta em aspectos supostamente naturais e complementares (força *versus* delicadeza, espaço público e trabalho *versus* espaço doméstico e cuidado da casa e filhos). Todas as participantes possuíam profissões ligadas à área da educação, saúde ou cuidado de pessoas, que são funções majoritariamente delegadas e assumidas por mulheres (Hirata, 2016; MEC, 2023). Embora haja processos discursivos que normatizam atitudes como essa a partir da qual a feminilidade é associada ao espaço da educação/cuidado de maneira supostamente natural, a inserção e história das mulheres na educação, seja para formação ou como ocupação, aconteceu de maneira diferente para os grupos sociais de renda e aconteceu com tensões decorrentes das diferenças e das diversidades das mulheres (Carneiro, 2015).

A introdução da educação escolar com a colonização portuguesa estabeleceu uma visão universal da mulher (branca) e seu papel na sociedade (casamento ou vida religiosa), enquanto o sistema escravocrata promoveu uma concepção depreciativa e desumana das mulheres negras (trabalho doméstico ou escravo). A trajetória das mulheres na educação brasileira é constituída de variados impeditivos e ingresso conforme contexto sócio-histórico, como por exemplo a necessidade de abertura de escolas e de uma nova educação com o desenvolvimento da sociedade burguesa centrada no modo de produção capitalista. Não obstante, não se refere a grandes mudanças naquele momento visto que a mulheres eram destinadas aos cursos de costura, bolos, enfeites, ou seja, restringidas a uma educação doméstica que reforçava práticas de subordinação e desigualdades (Carneiro, 2015).

Já a participação das mulheres como educadoras foi desenvolvida a partir dos ideários “mãe e mestra” voltada para a educação dos próprios filhos e que foi progressivamente incorporada aos valores da sociedade para a educação escolar (Carneiro, 2015). É nesse ponto que educação e cuidado se apresentam nos discursos como fatores indissociáveis e relacionados com áreas da Educação e da Saúde, fonte de superexploração a partir de valores morais que relacionam tais áreas ao “fazer por amor”, núcleo central de relações de dominação e exploração (Carvalho, 1999; Sayão, 2010). A despeito disso, sendo o espaço escolar/educacional uma instituição de reprodução da ideologia dominante (Aparelho

¹ Capitalista é aquele que tem o controle do processo de produção e de trabalho (contratação/demissão de trabalhadores etc.), como também aquele que define as técnicas e o ambiente de produção. Em outras palavras, são os detentores dos meios de produção.

Ideológico de Estado - AIE), Pêcheux, (2014) aponta para o aspecto da luta de classes ideológicas que acontece por meio dos próprios AIE: não há atribuição de uma ideologia para cada classe, mas um encontro de mundo distintos disputando pela dominância ideológica através de discursos e práticas. Mesmo com a predominância no discurso de uma ideologia que promove dominação sobre o trabalho exercido por mulheres, sustentando relações de exploração e dominação política é possível observar no discurso/práticas de disputas ideológicas reivindicando novas constituições de significados. Nos movimentos feministas é importante ressaltar o papel do feminismo negro contribuindo para a constituição de discursos com filiações ideológicas mais plurais, reivindicando novos modos de produção dos meios de vida e de construção de sentido sobre a luta das mulheres (Carneiro, 2015).

A escola é um dos AIE que não se limita ao controle, mas onde fundamentalmente formam-se sujeitos, isto é, indivíduos interpelados por ideologia (Althusser, 1998) atualmente exercida a partir dos trabalhados das mulheres. Sendo palco de disputa ideológica, o próprio espaço da escola tem apresentado um acirramento das violências no Brasil nos últimos anos. Alguns autores argumentam que essa escalada da violência nas escolas pode ser compreendida como respostas às disputas ideológicas em torno da busca por reconhecimentos dos direitos das mulheres e outros grupos minoritários (Guimarães Et Al, 2022; Pinto Neto, 2019; Vilalba, 2020)

Discursos exprimem-se por meio de ideias, uma realidade social e histórica determinada, podendo o sujeito estar consciente disso ou não (Chauí, 2012). Como exemplo, o elevado grau de escolarização das participantes, inclusive para aspectos históricos e políticos, não eximiu que seus discursos não estivessem alienados ao modelo de produção capitalista que faz parte das condições de produção de sentido (contexto sócio-histórico e político) no qual estão inseridas. A partir das Formações Discursivas 1 e 2 (que associam o trabalho a sobrevivência e o trabalho exercido por mulheres ao amor, prestação e versatilidade) é possível aferir uma Formação Ideológica capitalista e neoliberal. O processo do capitalismo é o processo de separação entre trabalhador e a propriedade das condições de trabalho, movimento que acontece em práticas discursivas que ocultam o processo de interpelação ideológica pelo sujeito (Chauí, 2012; Pêcheux, 2014) e reproduzem um modelo de manutenção de desigualdades sociais através de práticas discursivas normatizadoras de gênero.

Considerações finais

Na Análise do Discurso reconhece-se a presença de várias ideologias na construção de sentido do discurso. Nesse estudo, foi possível compreender nos discursos de mulheres das classes empobrecidas duas Formações Discursivas: o trabalho significado como sobrevivência (FD1) e o trabalho exercido por mulheres como amoroso, prestativo e versátil (FD2). No entanto, entende-se que apenas uma delas, a ideologia dominante, se apresenta como pano de fundo para as diferentes Formações Discursivas. Sendo assim, a origem ideológica comum entre elas, a partir da análise realizada, compreende a dominação da ideologia capitalista neoliberal. Essa dominação acontece não apenas pelo controle do Estado, mas fundamentalmente por formar/interpelar os sujeitos através de práticas e discursos que sustentam processos de exploração econômica e dominação política.

As principais limitações que este estudo apresenta dizem respeito a dois fatores: as participantes mesmo pertencentes às classes empobrecidas apresentavam elevado grau de instrução, distanciando de dados quantitativos que relacionam classes empobrecidas a pessoas com menores níveis de escolaridade e, portanto, não caracteriza uma amostra representativa da população brasileira. O segundo aspecto é que, apesar de considerar a questão de raça na discussão, o estudo também não aprofundou esse elemento no discurso.

Como potencialidades, esse estudo permite a compreensão de determinadas normas de gênero inseridas no contexto do trabalho a partir de aspectos históricos e políticos, discutindo universalizações discursivas e possibilitando novos modos de produzir sentidos sobre o trabalho. Ainda permite, por fim, questionar a suposta naturalidade da feminilidade e analisar a construção de sentido no trabalho por mulheres, tornando possível questionar também modelos e sistemas que sustentam desigualdades e violências através de processos discursivos.

Referências

ABRAMO, Lais. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. **Ciência e Cultura**, vol. 58, n. 4, p. 40-41, 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000400020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 out., 2022.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1998

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEP). **Critério da Classificação Econômica Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em: 06 jul., 2023.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, n.43, p.441-74, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430441>. Acesso em: 02 abr., 2021.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: JZE, 2001

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012

BRASIL. **Lei 14.611 de 03 de julho de 2023**. Dispõe sobre igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2023-2026/2023/Lei/L14611.htm. Acesso em: 09 jul., 2023.

BRUNELLI, Anna Flora. Estereótipos e desigualdades sociais: contribuições da Psicologia Social à Análise do Discurso. **Estudos Linguísticos**, vol. 58, n. 1, p. 25-43, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646152>. Acesso em: 15 jan., 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017

CARNEIRO, Aparecida Suelaine. **Mulheres e educação: gênero, raça e identidades**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, Sorocaba, 2015

CARVALHO, Marília Pinto de. Ensino, uma atividade relacional. **Revista Brasileira de Educação**, n. 11, p. 17-32, 1999. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781999000200003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 08 jul, 2023.

CASTRO, Bruna Naiara de; STAMM, Cristiano. Diferenças salariais de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro: uma análise estatística e econométrica. **Anais do XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. 2017. Disponível em <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/2833>. Acesso em: 14 out., 2022.

CEZAR, Frederico Gonçalves. O processo de elaboração da CLT: histórico da consolidação das leis trabalhistas em 1943. **Revista Processus de Estudos de Gestão, jurídicos e financeiros**, ano, vol. 3, n. 7, p. 13-20, 2008. Disponível em: <http://institutoprocessus.com.br/2012/wp-content/uploads/2012/07/3º-artigo-Frederico-Goncalves.pdf>. Acesso em: 11 jun., 2023.

CHAUÍ, Marilene. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2012

COURTINE, Jean-Jacques. O Conceito de formação discursiva. *In*: Baronas, Roberto Leiser. (Org.) **Análise de Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Letraria: Araraquara, 2020, p.58-88, 2020. Disponível em: <https://www.letraria.net/analise-de-discurso-apontamentos/>. Acesso em: 02 mar., 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Editora: Elefante, 2004

FEITOSA, Yascara Soares; ALBUQUERQUE, Joyce da Silva. Evolução da mulher no mercado de trabalho. **Business Journal**, vol. 1, n.1, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.6008/CBPC2674-6433.2019.001.0005>. Acesso em: 14 jan., 2023.

FERNANDES, Carolina; VINHAS, Luciana Lost. Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso. **Linguagem em (Dis)curso**, vol. 19, n. 1, p. 133-151, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-190101-DO0119>. Acesso em: 23 nov., 2022.

FUCHS, Jessica Janine Brenhardt; HINING, Ana Paula Silva, TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Psicologia e cismatização. **Psicologia & Sociedade**, n. 33, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33220944>. Acesso em: 10 jun., 2023.

GARCIA, Bruna Carolina; MARCONDES, Gláucia dos Santos. As desigualdades da reprodução: homens e mulheres no trabalho doméstico não remunerado. **Revista Brasileira de Estudos da População**, n. 39, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0204>. Acesso em: 10 jun., 2023.

GOMES, Antônio Marcos Tosoli. Análise de discurso francesa e teoria das representações sociais: algumas interfaces teórico-metodológicas. **Psicologia e Saber Social**, vol. 4, n. 1, p. 3-18, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psisabersocial/article/view/17558>. Acesso em: 12 mar., 2021.

GOMES, Antônio Marcos Tosoli. Do discurso às Formações Ideológica e Imaginária: Análise de discurso segundo Pêcheux e Orlandi. **Revista Enfermagem UERJ**, vol. 15, n. 4, p. 555-562, 2007. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-482263>. Acesso em: 01 fev., 2021.

GUIMARÃES, Augustto de Paula; BARBOSA, Beatriz da Silva Queiroz; GALLEGO Eduardo Manuel Bartalini; MASCIA, Márcia Aparecida Amador. **A escola como palco de massacres e atentados armados**. 2022. Disponível em: <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/768/607340100344074.pdf>. Acesso em: 07 jul., 2023.

HIRATA, Helena. O trabalho de cuidado. **Sur**, vol. 24, n. 13, p. 53-64, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/5-sur-24-por-helena-hirata.pdf>. Acesso em: 02 mar., 2023.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/pt/agencia-home.html>. Acesso em: 03 abr., 2021.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>. Acesso em: 09 jul., 2023.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Juventude e informalidade: a formalização da juventude informal**. Experiências inovadoras no Brasil. Lima: Escritório Regional da OIT para a América Latina e o Caribe. 2015

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2020

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014

PINTO NETO, Moysés. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais. **Dialogia**, n. 33, p. 178-191, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.n33.13790>. Acesso em: 08 jul., 2023.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (orgs). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p.17-46

SAYÃO, Déborah Thomé. Não basta ser mulher... não basta gostar de crianças...Cuidado/educação como princípio indissociável na Educação Infantil. **Educação UFSM**, vol. 35, n. 1, p. 69-84, 2010. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64442010000100006&lng=pt&tlng=. Acesso em: 08 jul., 2023

SCHNEIDERS, Caroline Mallmann. Do retorno ao arquivo à constituição do corpus e dos gestos de interpretação. **Conexão Letras**, vol. 9, n. 11, 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55144>. Acesso em: 30 mar., 2021.

SILVA, Jonathan Chasko da; ARAÚJO, Alcemar Dioner de. A Metodologia de pesquisa em análise de discurso. **Grau Zero: revista de Crítica Cultural**, vol. 5, n. 1, 2017

SIQUEIRA, Carolina Bastos de; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azavedo. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. **Revista Thesis Juris**, vol. 9, n. 1, p. 145-166, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/rjt.v9i1.14977>. Acesso em: 12 nov., 2022.

SOUZA, Sergio Augusto Freire. Da Análise Automática do Discurso ao Discurso do Sujeito do Desejo: Reflexões Psicanalíticas sobre a Teoria do Discurso de Michel Pêcheux. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 44, p. 312-34, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/lil.v44i0.8657819>. Acesso em: 23 mai., 2023.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999

VILALBA, Thessie Nantes De Brites. **Violência Simbólica, Educação e Psicologia Sócio-Histórica em movimento aos Massacres Escolares**. 2020. Dissertação (mestrado em Psicologia). Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, MS.

Submetido em: 21/12/2023

Aprovado em: 26/02/2024

Publicado em: 27/03/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)